

## **ANÁLISE CRÍTICO/COMPARATIVA ENTRE AS OBRAS RELIGIOSAS DE PE. ANTÔNIO VIEIRA E GREGÓRIO DE MATOS GUERRA**

*<sup>1</sup>Wagner Luiz Ribeiro dos Santos*

**Resumo:** Este artigo é resultado do trabalho final da disciplina Barroco e Arcadismo, cursada no segundo semestre de 2008. Trata-se de um trabalho que busca comparar as obras dos dois maiores autores do Barroco brasileiro, estética literária que introduziu o sistema literário em nosso país. Como base de estudo, foi utilizada a obra produzida por Padre Antônio Vieira e por Gregório de Matos Guerra. Para apresentação da tese aqui desenvolvida, primeiro fez-se um resumo da situação do Barroco e suas implicações religiosas. Em seguida, fez-se a análise efetiva da obra dos dois autores, concluindo com a comparação e demonstração das diferenças entre tais obras.

**Palavras-chave:** Literatura Brasileira; Barroco; Pe. Antônio Vieira; Gregório de Matos Guerra.

**Abstract:** This article is the result of the final essay of the Baroque and Arcadism discipline, coursed in the second semester of 2008. It's a work that compares the literary composition of two of the biggest authors of the Brazilian Baroque, literary esthetics that has introduced the literary system in our country. The work produced by Priest Antônio Vieira and Gregório Matos Guerra was used as basis for this study. To present thesis, it was first necessary to make a summary of the situation and the religions implications of the Baroque literature. After that, it has been made an effective study of the work of the two authors, concluding by comparing and demonstrating the differences between them.

**Key words:** Brazilian Literature; Baroque; Priest Antônio Vieira; Gregório de Matos Guerra.

### **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho busca discutir e comparar, ainda que superficialmente, os discursos religiosos dos dois maiores autores do Barroco brasileiro: Pe. Antônio Vieira e Gregório de Matos Guerra. Para tanto, partiremos da compreensão do contexto religioso do Barroco e de detalhes da vida de cada um dos autores, fugindo, como era de se esperar, de qualquer forma de reducionismo ou absolutismo interpretativo. Buscamos lançar um olhar sobre as obras, sendo essa uma forma de interpretação possível das duas extensas obras.

---

<sup>1</sup> O autor é graduando em Licenciatura de Letras – Português da UnB – Universidade de Brasília e professora da rede de ensino particular de Brasília, na área de Literatura e Redação.

Como base, teremos alguns sermões de Vieira e poemas de Gregório de Matos, buscando revelar semelhanças e diferenças encontradas ao contrastar as duas obras, de importância similar no contexto do Barroco. Vale ressaltar que nossa comparação não levará em conta o pertencimento ao Cultismo ou Conceptismo Barroco, linhas de pensamento que se diferenciam e marcam a obra de cada um de nossos autores.

## **O BARROCO NO BRASIL**

O período Barroco, no Brasil, tem em *Prosopopéia*, de Bento Teixeira, seu marco inicial, pela necessidade de definirmos uma época e compreendermos seu contexto. A publicação de tal obra se dá no ano de 1601, delimitando nosso objeto de estudo nos anos de 1600, ou seja, no pensamento e no homem seiscentista.

Esse período, historicamente, é marcado pelo movimento de Contra-reforma da Igreja Católica que buscava refrear o crescimento das chamadas igrejas protestantes, conseqüência do rompimento de Lutero com a igreja, iniciado na Alemanha. Em resposta a esse movimento, a Igreja reúne, entre os anos de 1545 e 1554, o Concílio de Trento, que buscará encontrar soluções para o problema criado com a Reforma Protestante.

Uma das medidas mais importantes para a compreensão do contexto histórico é a fundação da Companhia de Jesus sobre, os preceitos de Santo Inácio de Loyola, que dentre nós ficou mais conhecida pela alcunha de “jesuítas”. Esses religiosos tinham por objetivo, pelo menos oficialmente, evangelizar o gentio e conquistar mais almas para Deus, representado aqui pela Igreja Católica. Eram eles verdadeiros propagandistas do pensamento católico, levando-o a outros, antes que a doutrina protestante chegasse e “corrompesse” os habitantes do novo mundo.

É claro que esse pensamento jesuítico tinha também interesses da metrópole, pois o objetivo de Portugal, no caso particular do Brasil, era que os jesuítas educassem os índios durante um período de tempo, para que esses pudessem trabalhar na lavoura. Esse assunto é tratado por Pe. Antônio Vieira no sermão, utilizado como substrato para a análise de sua obra neste trabalho, o *Sermão da Epifania*.

Dentre esse contexto tão rico e amplo, a presença da igreja no pensamento daquela época nos chama a atenção, trazendo ao homem seiscentista a necessidade de voltar-se para Deus, enquanto ainda convivia com pensamentos humanistas, predominantes no pensamento renascentista. Vale ressaltar que o homem seiscentista, dividido entre o pensamento terreno, pregado pela Renascença, e pelo pensamento católico, reforçado pela necessidade expressa na contra-reforma.

É nessa confusão, marcada pelo dualismo entre religiosidade e o lado mundano, que escreverão Pe. Antônio Vieira e Gregório de Matos, o primeiro como exemplo de produção eclesial e o segundo como representante do pensamento do próprio homem seiscentista, dividido, confuso.

## **OS DOIS PILARES DO BARROCO NO BRASIL: PE. ANTÔNIO VIEIRA E GREGÓRIO DE MATOS**

O Barroco no Brasil, apesar da produção de alguns autores, tem como pilar a obra de dois escritores que se distam pela forma como escrevem e aproximam-se, pelo menos em um momento, pela temática da qual tratam. Para que possamos compreender essas diferenças e semelhanças, partiremos da análise da obra de cada um de maneira separada para, em seguida, contrastarmos as duas. Vale ressaltar que nosso objetivo de comparação, no presente trabalho, é a composição do discurso religioso dos dois autores e seus objetivos diferentes, pelo menos em alguns pontos.

Pe. Antônio Vieira é, reconhecidamente, um dos maiores pregadores que o Brasil já teve, usando o púlpito das igrejas nas quais pregava, para espalhar seu pensamento religioso e político. Desde muito cedo, Vieira estava unido ao pensamento jesuítico, tendo entrado com doze anos no seminário jesuíta e ordenado aos dezoito anos de idade. Sua incrível capacidade de oratória chama a atenção de seus superiores e, aos dezenove anos, começa a dar aulas de retórica no seminário que o formou.

Nesse contexto, percebemos que é a retórica de Vieira que dará a ele reconhecimento e importância dentro de nosso Barroco. Seus sermões, organizados por ele mesmo mais para o final de sua vida, quando recolheu-se ao Maranhão, ganham valor literário e transformam-se na nossa produção barroca em prosa. A partir desse momento, importa-nos a organização do texto

e assim podemos analisar como se organiza, no caso específico de Vieira, seu discurso religioso.

O discurso de Vieira era organizado dentro do que chamamos, em análise do discurso, de paranética, ou seja, a como se constrói o discurso religioso. De maneira geral, o pregador parte do chamado *prólogo*, que por sua vez divide-se em *tema*, *intróito* e *invocação*, quando se apresenta, explica-se e pede-se um auxílio sobrenatural aos céus para o tratamento do tema a ser tratado e justifica-se a escolha da passagem bíblica que será usada como base da pregação. Em seguida, temos a *argumentação*, na qual o pregador apresenta os exemplos bíblicos e insere argumentos que fundamentem seu pensamento. Em Vieira, era comum a aproximação, nesse momento, da realidade, a qual seria criticada em busca de melhora. Por fim, a *peroração* buscava persuadir os ouvintes de suas idéias e finalizar o sermão.

Destas características apresentadas, interessa-nos a utilização da palavra de Deus, a Bíblia, com suas parábolas e histórias, como fundamento do sermão, algo que será repetido, mesmo que de maneira inversa, na obra de Gregório de Matos. A presença da palavra divina serve, como o é até hoje, como legitimadora dos ditos de seu locutor, ou seja, ao usar a palavra de Deus como recurso argumentativo, o autor tem seus ditos como que divinizados, mostrados como palavras do próprio Deus.

Esse expediente aparece constantemente nos sermões de Vieira, como no da Sexagésima, quando o sacerdote discorre sobre o próprio ato da pregação, da retórica, utilizando-se da parábola do semeador como fonte inspiradora:

A definição do pregador é a vida e o exemplo. Por isso Cristo no Evangelho não o comparou ao semeador, senão ao que semeia. Reparei. Não diz Cristo: saiu a semear o semeador, senão, saiu a semear o que semeia: *Ecce exiit, qui seminat, seminare*. Entre o semeador e o que semeia há muita diferença. Uma coisa é o soldado e outra coisa o que peleja; uma coisa é o governador e outra o que governa. Da mesma maneira, uma coisa é o semeador e outra o que semeia; uma coisa é o pregador e outra o que prega. O semeador e o pregador é nome; o que semeia e o que prega é ação; e as ações são as que dão o ser ao pregador. Ter o nome de pregador, ou ser pregador de nome, não importa nada; as ações, a vida, o exemplo, as obras, são as que convertem o Mundo. O melhor conceito que o pregador leva ao púlpito, qual cuidais que é? -- o conceito que de sua vida têm os ouvintes (VIEIRA, 1655).

No trecho acima, podemos perceber que a palavra de Deus realmente aparece, por meio de comparações, como aquilo que dará fundamento ao pensamento de Vieira. Além da legitimação das idéias do pregador, podemos perceber que os interlocutores, como participantes da religião Católica, seriam mais facilmente persuadidos com essa utilização. Vieira, no próprio *Sermão da Sexagésima* afirma que a pregação deverá fundamentar-se na palavra de Deus, para que tenha raízes profundas.

Outro exemplo dessa utilização, essa com um intuito político mais claro, encontramos no *Sermão da Epifania*, no qual Vieira discorrerá acerca da modificação do acordo entre jesuítas e colonizadores, que previa que os índios, depois de educados e catequizados durante seis meses, deveriam servir nas lavouras por período igual. Sua intenção, neste sermão, é mostrar que a mudança pretendida pelos colonizadores, a de aumentar o tempo de serviço dos índios na lavoura, não era tão rentável quanto pensava a metrópole.

É do conhecimento de todos, a simpatia que o Padre tinha pela defesa do gentio e dos escravos, utilizando-se, sempre que possível, do púlpito como bancada de defesa, quase jurídica, dessas duas etnias. Claro que essa defesa era construída de forma a não atacar ou voltar-se contra os interesses da metrópole, sendo montada, por parte de Vieira de maneira diplomática e política.

No referido sermão, Pe. Antônio Vieira usa do nascimento de Cristo para fundamentar sua idéia, lembrando aos seus interlocutores que, quando os reis magos vieram visitar o grande rei, esses não voltaram para suas terras destituídos de realeza. Mais uma vez a palavra divina aparece sendo a base do discurso, mesmo que com um objetivo tão político:

(...) porque devendo defender os gentios que trazemos a Cristo, como Cristo defendeu os Magos, nós, acomodando-nos à fraqueza do nosso poder e à força do alheio, cedemos da sua justiça, e faltamos à sua defesa (...). Cristo não consentiu que os Magos perdessem a soberania, porque reis vieram e reis tornaram: e nós não só consentimos que aqueles gentios percam a soberania natural com que nasceram e vivem isentos de toda a sujeição; mas somos os que sujeitando-os ao jugo espiritual da Igreja, os obrigamos, também, ao temporal da coroa, fazendo-os jurar vassalagem. Finalmente, Cristo não consentiu que os Magos perdessem a liberdade, porque os livrou do poder e da tirania de Herodes, e nós não só não lhes defendemos a liberdade, mas fizemos pacto com eles, por eles, como seus curadores, que sejam meio cativos, obrigando-os a servir alienadamente a metade do ano (...) (Vieira, 1951).

Nosso outro autor de destaque é Gregório de Matos Guerra que, segundo Bosi (1994), é o primeiro poeta brasileiro de grande valor, ultrapassando Anchieta que tem, em sua obra, muito mais importância na representação do início, do que na qualidade literária de sua obra. Gregório de Matos, doravante GM, será aqui visto como grande representante do pensamento confuso e mesclado do homem barroco, além, é claro, de ser visto como um autor plural, que conseguiu, com suas sátiras, suas poesias lírico-amorosas, filosóficas e religiosas, escrever um quadro, quase pintado, da realidade do homem seiscentista.

Filho de uma família abastada e dona de engenhos de açúcar, GM viu sua família falir e ascender, na Bahia, a máquina mercantil, tão cantada em suas sátiras. Sua pena, que não poupava ninguém, rendeu-lhe a alcunha de “Boca do inferno”, fazendo com que, de maneira até certo ponto errônea, sua obra ficasse marcada pela crítica e pela falta de “papas na língua”.

Apesar disso, muito ainda se precisa saber acerca das outras vertentes de sua obra. Uma dessas vertentes interessantíssimas, por ser um retrato metafísico do homem, é a poesia religiosa de GM, que demonstrava a confusão e a divisão do homem barroco. Vale destacar que, diferentemente do que todos podem pensar, o homem barroco não era um homem feliz, pois vivia dividido entre as conquistas do pensamento renascentista e a necessidade de voltar-se para Deus, buscando o perdão de seus pecados.

Esta confusão em GM pode ser melhor entendida se olharmos um pouco para sua biografia. Logo jovem, o poeta mudou-se para Portugal, como era costume entre as famílias mais ricas, para estudar direito em Coimbra, tornando-se doutor em leis. Lá, fez carreira no governo e gozou de muito prestígio, sendo inclusive, após seu retorno ao Brasil, indicado para ocupar o cargo de Vigário-Geral da ordem Jesuítica na Bahia. De sua biografia, pelo menos para este trabalho, nos importam essas duas informações: o conhecimento do pensamento e do modo de vida europeu, e sua relação direta com a religião, no caso, o Catolicismo.

Essas marcas de sua biografia, segundo Spina (1986), mostram como pôde ele retratar a situação do homem barroco sob a perspectiva do europeu, ainda muito influenciado pelo Renascimento que havia terminado há pouco, fez com que GM, pelo menos nos momentos em que se aproximou do claustro e

da reflexão, pudesse voltar-se para si e tentar entender como essa forma de pensar influenciava sua vida e sua postura diante do mundo e de Deus.

Ao analisamos a poesia religiosa de GM, podemos perceber duas posturas distintas. Uma busca alertar os homens acerca de sua situação de pecado, e outra na qual se somam características do sátiro, na qual coloca-se como pecador, mas justifica seu pecado pela necessidade de perdão de Deus, como se o que o fizesse ser divino e Senhor fosse a misericórdia e o perdão.

A poesia sacra admoestadora é escrita de um ponto de vista universalista e serve de reflexo do eterno contraste entre a carne e o céu, marca do próprio autor que, mesmo ao escrever visando agradar a Deus e a religião, deixa marcas de seu pensamento confuso e cultista. Por outro lado, essa busca por demonstrar o que se passa no pensamento do homem da época, coloca o poeta em uma posição de admoestador, como se ele, por ser um pecador tão reconhecido, precisasse alertar os outros e levá-los, assim como ele o faz, a buscar as graças do perdão divino. Um bom exemplo desse primeiro tipo de composição poética é o poema abaixo:

#### CONTINUA O POETA COM ESTE ADMIRÁVEL A QUARTA FEIRA DE CINZAS

Que és terra Homem e em terra hás de tornar-te,  
Te lembra hoje Deus por sua Igreja,  
De pó te faz espelho, em que se veja  
A vil matéria, de que quis formar-te.

Lembra-te Deus, que és pó para humilhar-te,  
E como o teu baixel sempre fraqueja  
Nos mares da vaidade, onde peleja,  
Te põe à vista a terra, onde salvar-te.

Alerta, alerta pois, que o vento berra,  
E se assopra a vaidade e incha o pano,  
Na proa a terra tens, amaina e ferra.

Todo o lenho mortal, baixel humano  
Se busca a salvação, tome hoje terra,  
Que a terra de hoje é porto soberano.

No poema acima, Gregório alerta os homens acerca do comportamento corrente, no qual é comum a maior valorização dos bens terrenos, em detrimento daquilo que vem do alto, da religiosidade. Nele, podemos perceber

certo tom de sermão eclesial, uma vez que é escrito diretamente para o leitor, em segunda pessoa. Aqui, podemos perceber que o tom do autor é universalista, pois ele não se inclui entre os admoestados. Essa composição serve para ilustrar a idéia de que GM sente-se, pelo menos em determinado momento, impelido a ser comunicador da salvação.

Este poema, escrito como nos mostra o título sob influência da Quarta-feira de Cinzas, dia que a igreja dedica-se a reconhecer a noção de finitude humana e seu inevitável retorno ao pó a partir do qual foi criado, aproxima-se dos sermões de Vieira, levando o leitor a pensar acerca de sua condição mortal. Um fato que reforça essa mesma constituição de formação discursiva encontra-se no primeiro verso do texto, que nos remete diretamente ao livro do Eclesiastes, capítulo 3, versículo 20, no qual o profeta divino relembra-nos de nossa condição.

Outro aspecto que merece destaque é a temática comum ao Barroco, que sempre que possível traz à tona a idéia do aproveitamento consciente dos bens terrenos, evitando que o homem, influenciado pelo pensamento humanista, deixe-se levar pela vaidade e pelo desejo de posse, tão comum ao capitalismo mercantil.

Outro bom exemplo dessa intenção admoestadora de GM é o poema “Juízo Final”, transcrito abaixo:

O alegre do dia entristecido,  
O silêncio da noite perturbado  
O resplendor do sol todo eclipsado,  
E o luzente da lua desmentido!

Rompa todo o criado em um gemido,  
Que é de ti mundo? onde tens parado?  
Se tudo neste instante está acabado,  
Tanto importa o não ser, como haver sido.

Soa a trombeta da maior altura,  
A que a vivos e mortos traz o aviso  
Da desventura de uns, d'outros ventura.

Acabe o mundo, porque é já preciso,  
Erga-se o morto, deixe a sepultura,  
Porque é chegado o dia do juízo.

No poema acima, mais uma vez GM toma a palavra de Deus, no caso o Apocalipse de João, capítulos 8 e 9, como base e inspiração para a poesia, que também tem objetivo admoestador e universalista.

Outra faceta da obra de GM, citada anteriormente, é a que soma características sacras com características satíricas, quando o eu lírico posiciona-se como pecador, mas chantageia Deus em busca da aplicação de sua misericórdia. Neste ponto, a poesia constrói-se também sobre histórias bíblicas, mas, dessa vez, essas aparecem de outra forma, não como legitimadoras das idéias do autor, mas sim como base para a chantagem do eu lírico. Um bom exemplo é o texto abaixo:

Pequei, Senhor, mas não porque hei pecado,  
Da vossa alta clemência me despido;  
Porque quanto mais tenho delinqüido,  
Vos tenho a perdoar mais empenhado.

Se basta a vos irar tanto pecado,  
A abrandar-vos sobeja um só gemido:  
Que a mesma culpa que vos há ofendido,  
Vos tem para o perdão lisonjeado.

Se uma ovelha perdida e já cobrada  
Glória tal e prazer tão repentino  
Vos deu, como afirmais na sacra história,

Eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada,  
Cobrai-a; e não queirais, pastor divino,  
Perder na vossa ovelha a vossa glória.

No texto acima, percebemos que, mais uma vez, o eu lírico usa a história bíblica, no caso a parábola da ovelha perdida, na qual Jesus fala do amor do pastor por suas ovelhas, principalmente por aquela que está perdida. Ele parte em busca desta e, ao reencontrá-la, trata-a e a devolve ao rebanho. O eu lírico coloca-se como a ovelha perdida e constrói seu discurso colocando, em Deus, a necessidade de resgatá-lo, e, como diz o próprio autor, não “perder na vossa ovelha a vossa glória”. Espínola (2000) classifica esse posicionamento como a criação de uma máscara que serviria para ocultar a verdadeira face do poeta, no caso, o pecador. Essa posição do poeta é reforçada no poema abaixo:

A CHRISTO S. N. CRUCIFICADO ESTANDO O POETA NA ÚLTIMA HORA DE SUA VIDA

Meu Deus, que estais pendente em um madeiro,  
Em cuja lei protesto viver,  
Em cuja santa lei hei de morrer  
Animoso, constante, firme, e inteiro.

Neste lance, por ser o derradeiro,  
Pois vejo a minha vida anoitecer,  
É, meu Jesus, a hora de se ver  
A brandura de um Pai manso Cordeiro.

Mui grande é vosso amor, e meu delito,  
Porém pode ter fim todo o pecar,  
E não o vosso amor, que é infinito.

Esta razão me obriga a confiar,  
Que por mais que pequei, neste conflito  
Espero em vosso amor de me salvar.

A noção da criação da máscara, por parte de GM, é reforçada na proximidade da morte, como nos mostra o título do poema. Neste, não encontramos referência direta a nenhuma parábola ou história bíblica, mas conseguimos perceber inferências constantes aos acontecimentos que povoam o relato bíblico.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A referência constante à Bíblia, constante do presente trabalho, deve-se à comparação proposta entre a obra religiosa de Pe. Antônio Vieira e a de Gregório de Matos. Uma análise mais detida das duas mostrará semelhanças, tais como a exortação e a busca por aquilo que é sublime, divino, pois, como vimos anteriormente, o contexto histórico e a realidade cultural brasileira do século XVII traziam em seu cerne a exaltação da vida divina.

A partir desta análise, podemos inferir que a boa compreensão das obras de Gregório de Matos e de Pe. Antônio Vieira necessita de uma compreensão bíblica por parte do leitor. Apesar de não ser indispensável, tal conhecimento auxiliará o leitor. Vale ressaltar que é cerne, na compreensão literária, conhecimentos que extravasem a pura leitura.

O presente estudo, ainda que superficial e potencial, demonstra que a presença de embasamento e conhecimento bíblico são constantes nas duas obras, apesar de, em Gregório, encontrarmos uma vertente que une a sátira à

religiosidade e na obra de Vieira, como era de se esperar, a palavra de Deus é usada como reafirmação da palavra do próprio autor.

### **Bibliografia**

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 42<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

VIEIRA, Antônio. **Obras Completas**. Porto: Editora Artes Gráficas, 1951. Vol. I e II.

ESPÍNOLA, Adriano. **As artes de enganar**: Um estudo das máscaras poéticas e biográficas de Gregório de Mattos. Apresentação: Ronaltes de Melo e Souza. [Rio de Janeiro]: Topbooks, [2000].

TOPA, Francisco. **Edição crítica da obra poética de Gregório de Matos**. Vol. II: Edição dos sonetos. Dissertação de doutoramento em Literatura Brasileira apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto: Edição do Autor, 1999. Disponível em [http://web.letras.up.pt/ftopa/Livros\\_Pdf/GM-III.pdf](http://web.letras.up.pt/ftopa/Livros_Pdf/GM-III.pdf).

MATOS, Gregório de. **Obra Poética**. 3<sup>a</sup> ed., Rio de Janeiro: Editora Record, 1992.